

A Guerra Popular na Índia como Âncora Estratégica

- Ajith

A situação mundial atual mostra grande potencial para uma nova onda poderosa de revolução mundial. Em país após país, nos países oprimidos e imperialistas, as massas estão saindo aos lakhs para lutar.

Muitas vezes, isso rapidamente toma um rumo militante, levando a confrontos violentos com as forças repressivas das classes dominantes. Essas lutas estão introduzindo uma geração totalmente nova na batalha contra os exploradores. Comparado ao passado, a presença crescente de mulheres jovens e setores sociais sofrendo de formas específicas de opressão é notável. Isso é um bom presságio para a causa da revolução mundial. No entanto, continua sendo um fato difícil que a

forças organizadas da revolução, a vanguarda comunista, estão severamente atrasadas em se conectar e liberar o potencial revolucionário existente no mundo. O movimento comunista internacional (ICM) ainda precisa superar o revés que sofreu após o golpe da camarilha Teng-Hua de 1976 que destruiu o socialismo na China. A situação, é claro, não é totalmente negativa. Embora uma reviravolta ainda esteja para ser conquistada, vários partidos maoístas permaneceram firmes contra o revisionismo Teng e o dogmatismo-revisionismo de Hoxha, e continuaram a desenvolver a prática revolucionária. Superando os problemas causados pela falta de um país socialista que pudesse desempenhar um papel central, eles construíram relações entre si e tiveram sucesso na formação de organizações internacionais como o Movimento Revolucionário Internacionalista, o Comitê de Coordenação de Partidos e Organizações Maoístas do Sul da Ásia e outros. A ampla adoção do marxismo-leninismo-maoísmo como o novo estágio da ideologia proletária, a formação de novos partidos maoístas, a formação de partidos únicos por meio da unificação das forças maoístas em um país e a continuação e o avanço das guerras populares mantiveram vivo o projeto revolucionário do comunismo e conquistaram novos adeptos.

A história nos ensina que grandes avanços do movimento comunista muitas vezes vêm com grandes vitórias na luta revolucionária por meio da aplicação criativa do marxismo. Isso é bem capturado nas palavras de Mao Tsetung: "As salvas de canhão da revolução de outubro trouxeram o marxismo-leninismo para a China". Isso continua verdadeiro até hoje. Avanços na luta revolucionária

a prática demonstra a correção e viabilidade do projeto comunista, como uma realidade material. Assim, eles levam a mensagem do comunismo às grandes massas de uma maneira vastamente poderosa e em uma escala muito grande. As guerras populares que sustentaram, superando reveses e perturbações, e as novas que foram lançadas após o revés na China, desempenharam precisamente esse papel. Sua própria existência refutou a propaganda imperialista sobre a derrota total do comunismo, seus sermões sobre o "fim da história" e as mentiras do revisionismo sobre a "impossibilidade de revolução armada" no mundo atual. Eles, por exemplo, atraíram, entusiasmaram e inspiraram novas gerações a se reunirem em torno da bandeira vermelha, mergulharem na batalha contra o imperialismo e a reação e sacrificarem suas vidas pela causa do povo.

Esses sucessos dos maoístas em enfrentar a perda de todos os países socialistas e construir para superar o retrocesso no ICM foram recebidos com ataques ferozes e forte repressão pelos imperialistas e pelas classes dominantes compradoras. Eles foram auxiliados nisso pelos ataques de novos matizes de revisionismo, como a linha oportunista de direita no Peru, a traição da revolução nepalesa pela camarilha Prachanda-Bhattarai e o liquidacionismo de Avakian, que surgiram dentro do movimento maoísta. Esses ataques combinados cobraram seu preço.

A guerra popular no Nepal foi liquidada para todos os efeitos práticos. A consciência revolucionária que gerou ainda vive. Mas o avanço bem-sucedido da revolução nepalesa não pode simplesmente retomar de onde foi parado em 2006. Exige um relançamento da guerra popular. E isso só será possível se, como em 1996, uma luta resoluta for travada contra o revisionismo e o centrismo, em particular a linha errada que emergiu da liderança daquele partido, consagrada como 'Caminho Prachanda' e concretizada em uma série de desvios que levaram à reviravolta da orientação estratégica do partido e terminaram na liquidação da guerra popular.

Embora os maoístas no Peru tenham conseguido derrotar os planos dos oportunistas de direita e manter a Bandeira Vermelha hasteada, o revés causado por sua interrupção é dolorosamente aparente. Muito depende do sucesso futuro dos maoístas em seus planos de reorganizar o partido e avançar no caminho da guerra popular prolongada, mantendo a linha revolucionária formulada sob a liderança do camarada Gonzalo e tirando lições **Setembro de 2014**

da amarga experiência do revés.

Na Turquia e em Bangladesh, ataques implacáveis do inimigo causaram perdas severas ao movimento maoísta e às guerras populares. Os partidos maoístas nesses países estão se esforçando muito para superar essa situação. Perseverando no caminho da revolução, guiados pelo MLM, eles certamente terão sucesso nisso. No entanto, na situação atual, ainda há muito a ser feito antes que essas guerras populares, também iniciadas na década de 1960, retornem aos patamares que haviam alcançado anteriormente.

Todas essas guerras populares, tendo surgido e se desenvolvido no período pós-2ª Guerra Mundial, deram experiências ricas e lições valiosas para o proletariado internacional. Os esforços contínuos dos partidos maoístas nesses países para resumir suas experiências e avançar certamente darão resultados, eventualmente. Mas, por enquanto, os reveses que sofreram mais uma vez enfraqueceram seriamente o ICM. Nesse contexto, destaca-se a forte presença de guerras populares nas Filipinas e na Índia. Ambas foram iniciadas sob a influência direta da grande revolta contra o revisionismo dos anos 1960 liderada por Mao Tsetung. Elas se inspiraram na Grande Revolução Cultural Proletária que levou o marxismo ao estágio mais alto do marxismo-leninismo-maoísmo. A guerra popular das Filipinas se espalhou por todo o arquipélago e agora está avançando para o estágio de **impasse** estratégico. Este país é de grande importância estratégica para o imperialismo dos EUA.

Estacionou uma grande força naval lá. Treina e arma o exército das Filipinas e participa diretamente do planejamento da guerra contrarrevolucionária dirigida contra a **nova revolução democrática** daquele país, liderada pelo Partido Comunista das Filipinas. A guerra popular das Filipinas dá experiências ricas e lições valiosas, particularmente na questão de confrontar e derrotar a estratégia de **Conflito de Baixa Intensidade (LIC)** promovida pelos EUA. Seu avanço posterior abrirá inevitavelmente uma fase importante de confronto direto do imperialismo dos EUA com uma guerra revolucionária liderada por maoístas. Isso terá grandes repercussões em todo o mundo.

A guerra popular na Índia ainda está no estágio de **defesa** estratégica. Ela está sendo travada atualmente nas regiões Central e Oriental do país, enquanto esforços estão em andamento para abrir uma nova frente de guerra na parte Sudoeste da península indiana, centrada na parte sul da cordilheira Sahyadri. A área que se enquadra no âmbito da guerra popular em **setembro de 2014**

as regiões Central e Oriental são bem grandes. A área de Bastar na região de Dandakaranya é maior que o estado de Keralam. Toda a área que cai dentro das zonas de guerra seria maior que a de Tamilnadu e Keralam. A área sobre a qual os Comitês Revolucionários do Povo, os órgãos do novo poder político criado através da guerra popular, exercem autoridade também é bem substancial. No entanto, dado o tamanho do país, sua enorme população e diversidade de nacionalidades e características geográficas, isso ainda é bem pequeno. A população nas zonas de guerra é predominantemente tribal e as economias são atrasadas. O **Exército Guerrilheiro de Libertação Popular (PLGA)** com suas três forças, incluindo a milícia popular como sua força base, realizou alguns ataques ousados e poderosos nos próprios centros distritais. Ele provou ser capaz de atacar e aniquilar formações de nível de companhia do inimigo e escapar de suas campanhas de "cerco e supressão". Mas, comparado à força e às capacidades das forças do estado indiano, que incluem as três alas de suas forças armadas, as várias forças paramilitares e as forças policiais dos estados, o **PLGA** ainda é uma força pequena e fraca.

Em nítido contraste com essas fraquezas e limitações relativas, o impacto político dessa guerra popular, dentro do país e internacionalmente, as supera em muito. A ressonância política dessa guerra popular foi vista no amplo apoio que ela ganhou em face da brutal campanha de repressão, Operação **Green Hunt**, lançada pelo governo indiano. Ela galvanizou amplas seções para se manifestarem em solidariedade. A formação de um fórum internacional contra a "guerra contra o povo" do estado indiano com foco na violação dos direitos humanos e o comitê de solidariedade internacional que vê sua relevância na necessidade de defender e apoiar a guerra popular, precisamente por causa de sua orientação maoísta, são duas manifestações de destaque em nível mundial.

As razões para esse desenvolvimento estão diretamente relacionadas à posição da Índia no mundo atual. É o segundo país mais populoso do mundo, a caminho de se tornar o primeiro bem antes de meados deste século. Seu tamanho e grandeza de economia o colocam em uma liga diferente da maioria dos países do Terceiro Mundo. Seu papel geopolítico como pilar da dominação imperialista no Sul da Ásia, novamente uma das regiões mais populosas do mundo, e sua própria natureza expansionista o tornam extremamente crucial

para o sistema imperialista. Acima de tudo, é um barril de pólvora, um emaranhado de todos os tipos de contradições. O surgimento, a sustentação e o crescimento constante de uma guerra popular neste país têm grande importância. É por isso que o Partido Comunista da China liderado por Mao Tsetung imediatamente aclamou a rebelião armada camponesa de Naxalbari, em 1967. Esta rebelião foi em si muito pequena em escala, comparada à luta armada de Telangana ou à revolta de Tebhaga. Mas o que contou foi seu imenso significado político, o renascimento de uma estrada revolucionária na Índia liderada por maoístas.

A conclusão vitoriosa da **nova revolução democrática** da Índia terá significância histórica mundial, não por causa de alguma qualidade adicional intrínseca que desfruta em comparação a outras, mas por causa de todas as razões descritas acima. Poderia impulsionar poderosamente ou desencadear uma cadeia de revoluções em países do sul da Ásia, igualmente maduros para a revolução e historicamente uma região onde o movimento maoísta, incluindo as guerras populares, tem estado amplamente presente. Esta é a significância internacional da guerra popular na Índia.

É por isso que é visto como uma "âncora estratégica" (junto com as guerras de outros povos) na situação mundial atual pelas forças maoístas no mundo. É também por isso que o movimento de solidariedade que surgiu em seu apoio reuniu várias forças maoístas, que têm a orientação de fazer a revolução em seu próprio país como a melhor forma de solidariedade que podem dar à guerra popular na Índia. Em um momento em que milhões estão nas ruas e buscam um caminho confiável para realizar suas aspirações por um mundo diferente, um mundo livre de exploração e opressão, as guerras populares se destacam como exemplos materiais do que é necessário e do que pode ser feito. Eles, portanto, dão direção por meio de sua presença viva e revolucionária. Isso se torna ainda mais significativo no contexto atual de reveses sofridos pelo **ICM**.

O grande apoio desfrutado pela guerra popular na Índia também é uma indicação das altas expectativas dos povos do mundo. Os maoístas na Índia têm o dever de atendê-las e cumpri-las. Embora isso seja, antes de tudo, uma questão de avanço adicional na prática revolucionária, não se limita apenas a isso. O crescimento e o avanço vitorioso da guerra popular na Índia geraram uma riqueza de experiências ricas — na construção de uma vanguarda proletária a partir de uma massa de castas, tribos e nacionalidades, cada uma com suas próprias identidades e culturas; na mobilização das massas em lakhs e na liderança

eles no caminho da revolução; em se unir a uma série de forças não proletárias bem articuladas em suas distintas posições políticas; em construir um exército revolucionário começando do zero, por meio de uma luta armada que teve que, desde o início, enfrentar um estado altamente equipado com décadas de experiência na supressão de partidos revolucionários e movimentos armados; em desenvolver a guerra popular superando reveses e condições críticas e enfrentando forças vastamente superiores; em construir novo poder político entre as massas divididas por inúmeras contradições que vão do gênero à etnia; em lidar corretamente com todas essas contradições entre o povo (cada uma das quais poderia ser usada pelo inimigo), para consolidar esse poder e avançar ainda mais a nova revolução democrática antifeudal e antiimperialista. Esse vasto reservatório de experiência também torna incumbência dos maoístas na Índia teorizá-los.

Parte disso certamente já foi feito. Mas muito, muito mais, é necessário. Isto é evidentemente vital para elevar o nível qualitativo das forças revolucionárias, da guerra popular e para garantir a vitória da revolução indiana. Acima disso, é uma importante tarefa internacionalista a ser assumida conscientemente pela vanguarda maoísta na Índia. É uma contribuição que ela pode e deve fazer à causa da revolução socialista mundial e à ideologia que a orienta. As complexidades das contradições que impulsionam uma revolução para a frente, que ela deve resolver para ter sucesso, invariavelmente trazem à tona a necessidade de desenvolver compreensão conceitual sobre as posições teóricas do marxismo. Quanto maior o emaranhado de contradições, mais isso é necessário. A revolução indiana está singularmente colocada nesta questão, pois extrai sustento de uma rica diversidade de contradições. Várias delas formam as bases de identidades específicas. Imperialistas e reacionários tentam persistentemente transformar o despertar de seções sociais oprimidas em "muros de identidade". Assim, eles buscam cercá-los da causa da revolução social total, necessária para sua libertação. Portanto, o manejo bem-sucedido dessas identidades e a resolução revolucionária das contradições subjacentes a elas sob a orientação do maoísmo e o desenvolvimento da teoria por meio da síntese dessa experiência certamente serão de grande relevância no mundo contemporâneo. Da mesma forma, a síntese teórica das experiências na construção da vanguarda proletária em meio a essas condições sociais complexas e seu sucesso em unir todas as correntes de protesto, luta e rebelião – **setembro de 2014**

incluindo aqueles que aderem ferozmente às suas identidades específicas - em uma poderosa, porém variada, torrente de revolução também será de grande utilidade; ainda mais nestes tempos em que as "coalizões arco-íris" pretendem substituir o conceito de vanguarda leninista.

Além disso, como líder de uma guerra popular, sustentando-a e desenvolvendo-a com sucesso, o PCI (Maoísta) desfruta de uma posição onde pode contribuir muito para promover a causa da construção de uma organização internacional do proletariado, adequada à situação atual do MCI. Isso pode desempenhar o papel de um catalisador para a formação de um fórum anti-imperialista amplo e mundial e atuar como seu núcleo. Ambos são urgentemente chamados pela situação objetiva favorável existente no mundo. Ambos serão de imensa ajuda para superar o atraso subjetivo, desencadeando assim ainda mais a potencial nova onda de revolução. Por ocasião do 10º aniversário da formação do PCI (Maoísta), devemos aumentar nossos esforços para retribuir os calorosos gestos de solidariedade estendidos à guerra popular em ambos os sentidos, realizando melhor nossas tarefas revolucionárias dentro do país e também internacionalmente. Somente assim os potenciais desta guerra popular como uma âncora estratégica na atual situação mundial podem ser totalmente explorados.

Finalmente, seria bom lembrar-nos do conselho que Engel deu ao proletariado alemão, **“... no momento presente, os trabalhadores alemães formam a vanguarda da luta proletária. Não se pode prever por quanto tempo os eventos permitirão que ocupem este posto de honra. Mas, enquanto forem colocados nele, esperemos que cumpram seus deveres da maneira adequada... Em primeiro lugar, no entanto, é necessário manter um verdadeiro espírito internacional que não permita nenhum chauvinismo, que alegremente saúda cada novo passo do movimento proletário, não importa em que nação seja feito. Se os trabalhadores alemães procederem dessa maneira, eles podem não marchar exatamente à frente do movimento — não é do interesse do movimento que os trabalhadores de um país marchem à frente de todos — mas ocuparão um lugar de honra na linha de batalha e permanecerão armados para a batalha quando outras provações graves inesperadas ou eventos importantes exigirem coragem elevada, determinação elevada e vontade de agir.”**
